

Biografia e formação: narrativas de uma aluna do ensino superior UFG-Catalão

Wolney Honório Filho¹

Renata Cristine Santos Vaz²

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa sobre memórias, histórias de vida e formação de alunos e alunas da graduação e pós-graduação, na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, especialmente alunas da graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEDUC. Trata-se de um estudo sobre um memorial de formação de uma aluna do PPGEDUC, cujo objetivo foi analisar as perspectivas de formação da mesma, tendo em vista sua escolarização, desde o ensino fundamental. Utilizamos como referencial teórico-metodológico as Pesquisas (Auto)Biográficas. A metodologia desenvolvida foi uma leitura transversal para análise do relato de formação de uma aluna, colhido em 2016. Buscamos categorias, tais como: percursos de escolarização, vivências consideradas formadoras, a relação com a família, modos de construção identitária. Como resultados percebemos que a formação é um complexo de entrecruzamento de convivência com a família, escola e outras instituições.

Palavras-chave: Biografia, Formação, Narrativa

-
- 1 Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, docente da Unidade Acadêmica Especial de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC). Contato: whonoriof@gmail.com
 - 2 Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação. Contato: renatacsvaz@gmail.com

Introdução

“Vamos bordando a nossa vida,
sem conhecer por inteiro o risco;
representamos o nosso papel,
sem conhecer por inteiro a peça.
De vez em quando,
voltamos a olhar para o bordado
já feito e sob ele desvendamos
o risco desconhecido;
ou para as cenas já representadas,
e lemos o texto, antes ignorado.”
(SOARES, 1991, p. 28)

Este texto é fruto de uma pesquisa sobre memórias³, histórias de vida e formação de alunos e alunas da graduação e pós-graduação, na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, especialmente alunas da graduação em pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEDUC⁴. Trata-se de uma análise de um memorial de formação de uma aluna do PPGEDUC⁵, cujo objetivo foi analisar as perspectivas de formação da mesma, tendo em vista sua escolarização, desde o ensino fundamental.

Enfrentar o “desafio biográfico” que é “falar de si, de refletir sobre si mesmo, de fabricar uma história de si” como afirma Passeggi (2016, p. 71), coloca a aluna frente a frente à história da sua vida: um passado, no caso escolar, de múltiplos significados, e, um futuro, mediado pela narrativa presente, composto por interrogações e projetos. Conforme Pollak (1992, p. 204):

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referências aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

3 Projeto “Memória viva: produção de novas fontes históricas sobre a cultura educacional e a Formação de Professores no Sudeste goiano”.

4 Um exemplo dessa produção pode ser visto em (MACHADO e HONORIO FILHO, 2016).

5 A produção do memorial foi realizada como trabalho final da disciplina “Cultura e memória de processos formativos”, oferecida no primeiro semestre de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFG-Catalão. A orientação é que a produção do memorial deve conter uma introdução teórico metodológica, um capítulo sobre as lembranças do ensino fundamental e médio e outro sobre o ensino superior.

Este memorial de formação reúne lembranças e emoções e evidencia um “pertencimento” às instituições de ensino nas quais a aluna se formou (escola e universidade) e a “identificação” com os professores(as) enquanto profissionais e pessoas que foram e são (POLLAK, 1992).

Para Halbwachs (2003, p. 91):

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. Claro, se pela memória somos remetidos ao contato direto com algumas de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o nosso passado.

Halbwachs (2003, p. 69) destaca ainda que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. A partir dessas considerações, compreendemos que a perspectiva presente no memorial de formação pode revelar um contexto no qual a realidade vivida e sentida se amplia para compor uma memória coletiva.

Consideramos a escrita do memorial como um momento de atribuir um novo sentido às aprendizagens que “[...] se fazem em todos os ambientes nos mais diversos aspectos da vida” (PASSEGGI, 2016, p. 75).

Metodologia/procedimentos utilizados

Buscamos explorar uma metodologia qualitativa, com a estratégia de colhimento de uma narrativa autobiográfica, o que chamamos de memorial de formação. O indivíduo não vive uma única realidade. E as revive, intensamente, quando as narra. A fertilidade das histórias de vidas, abrindo janelas para essa concepção múltipla da experiência individual se evidencia. Josso diz:

Parece-me que a história de vida, como projeto dos pesquisadores e dos autores, poderia ser qualificada como *a referência das tomadas de posição e dos processos-projetos de formação do nosso estar-no-mundo singular/plural por meio da exploração pluridisciplinar, ou para alguns transdisciplinar, e da sua complexidade biográfica*. (2004, p. 29. Grifos da autora)

A autora explora essa fecundidade da formação do ponto de vista do aprendiz:

Pensar a formação do ponto de vista do aprendiz é, evidentemente, não ignorar o que dizem as disciplinas das ciências do humano. Contudo, é, também, virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam. Em outras palavras, procurar ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas (JOSSO, 2004, p. 38).

A complexidade biográfica delinea transações e interações do indivíduo com o seu meio. Conhecer o percurso nada linear da vida de um indivíduo significa também interagir com o seu tempo histórico. Ferrarotti nos diz que:

nessa perspectiva epistemológica, uma biografia não interessa ao sociólogo enquanto seção ou corte vertical ou horizontal de um sistema social que sintetizaria sob a forma de atos individuais, mas sim enquanto exemplo significativo de certos aspectos do social que uma análise estrutural já terá estudado de maneira exaustiva (2010, p. 38).

As narrativas, sejam elas produzidas por intenção pessoal, colocando num diário suas impressões, memórias e lembranças, sejam provocadas por um interlocutor, entrevistador, produzem relatos individuais, mas com expressão fortemente social, contextual, histórica.

o trabalho biográfico não é um remoer do passado, mas uma reconfiguração do presente e do futuro graças a esse olhar retrospectivo de um lado e, de outro lado, ao fato de que cada evento ou contexto singular remete imediatamente para referenciais coletivos, quer se seja consciente disso ou não (JOSSO, 2006, p. 11).

Assim, ao tomarmos o memorial de formação, buscamos categorias, tais como: percursos de escolarização, vivências consideradas formadoras, a relação com a família, modos de construção identitária.

Discussão e resultados

vamos aqui fazer uso do memorial de formação para refletirmos sobre quatro categorias que consideramos importante no processo de formação do aluno:

percursos de escolarização, vivências consideradas formadoras, a relação com a família, modos de construção identitária.

Percursos de escolarização

Ao tratar do seu percurso de escolarização, Vaz (2016), inicialmente indaga se suas lembranças são realmente suas, ou representações elaboradas a partir do que a contaram de sua história vida, ou seja, seria uma “memória tomada de empréstimo?” (HALBWACHS, 2003). A aluna abre uma interrogação, própria da prática de auto-reflexão. Problematisa, por exemplo, a relação entre lembrar fatos escolares e relacioná-los com teorias e concepções pedagógicas que balizaram o cotidiano das instituições escolares onde estudou.

Conforme Bolívar (2002, p. 180) “embora os relatos de vida sempre façam referência à singularidade de uma vida, eles refletem a coletividade social de que se trate”. Mas, os relatos não são apenas razão, eles carregam emoções, que balizam o que narrar, distanciando-se de uma descrição do que aconteceu e aproximando-se de uma interpretação do vivido (SOARES, 1991). Neste sentido, intuitivos, é que a singularidade de uma vida se conecta com uma coletividade social.

Vaz (2016), ao descrever suas experiências escolares do ensino fundamental traça um relato de cada uma das oito séries iniciais. Destaca o primeiro dia de aula:

dia tão esperado! Na foto, no jardim de casa, estou eu de óculos redondinhos; uniforme jardineira azul com saia de preguinhas e camisa branca com mangas afadinhas, costurado por minha mãe; lancheira com suco, bolachas e uma fruta; na mochila cadernos encapados e margeados e o lugar reservado para guardar a cartilha!

Estar bem arrumada pressupõe-se estar preparada para os novos desafios escolares. Instituição desconhecida para a criança, mas lugar de aprendizagem e novas relações sociais, a entrada na Escola é tomada como um rito de passagem, o qual, para a criança, leva significados para o resto da vida.

Outras recordações destacadas: o boletim, onde se explicita o resultado do esforço de estudar; a troca de professoras no final de uma série e início de outra; a braveza das professoras, que podiam até utilizar das régua para disciplinar seus alunos; a diferença entre estudar pela manhã ou à tarde; o crescimento do número de professores, na progressão da primeira para a oitava série; os apelidos, que hoje em dia poderiam ser considerados de “bullying”, que os colegas insistiam em colocar uns nos outros; festas escolares e o primeiro amor, entre outros.

Vaz (2016) se considera que era diferente dos colegas, pois valorizava, na época, e, podemos dizer, a partir do seu memorial, continua valorizando a educação, a escola como agente de mudança social (SOARES, 1991). Lembra que sua inspiração veio de dentro de casa, das tias-madrinhas, “que por muitos anos exerceram a docência e atuaram na gestão (direção, secretaria e coordenação pedagógica)”, da própria mãe, “que apesar de não ser professora atuou muitas vezes como professora substituta”, e outra figura, uma prima, companheira de todas as horas.

Vaz (2016) enfrenta, no final do Ensino Fundamental, o dilema entre cursar o Magistério ou o Colegial. Mas, para sua decepção, naquele ano não mais poderia fazer esta escolha, já que o Colégio estava encerrando as turmas de formação de professores em nível médio, atendendo a exigência da Lei 9394/96 e do Decreto 3.276, de 6/12/99 que reservou “exclusivamente aos cursos normais superiores a tarefa de preparar professores para a educação infantil e para as séries iniciais da escola fundamental (TANURI, 2000, p. 86).

No ensino médio, ela destaca o novo universo que se abriu com as possibilidades com a Literatura brasileira: “assistimos filmes, encenamos teatros, declamamos poesias, visitamos feiras de livros... uma infinidade de experiências”. E ainda indaga: “Isso é excelente, não é mesmo?! Em que lugar ou por qual motivação esses alunos teriam conhecimento dessas obras a não ser na escola?”.

Ela realça também características gerais do ensino médio como o acesso a conhecimentos científicos, traduzidos por disciplinas como a Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia. O aprendizado do Inglês com música, outra língua para se conhecer outras culturas.

A Educação Física, por sua vez, “acontecia no horário de aula e os outros professores sempre reclamavam pelo fato de retornarmos da quadra muito suados e agitados”. Mas, permanecia a metodologia do “Rola Bola”, ou seja, geralmente futsal para os meninos e handebol para as meninas.

Acredita Vaz (2016) que seu destino, ao final do Ensino Médio, era a Universidade Federal de Goiás – *Campus* Catalão:

Eu sabia que queria ser Professora. Geografia e História... fora de cogitação! Porque nunca pensei em Letras ou Pedagogia? Não consigo responder esta questão! Entre Ciências da Computação ou Educação Física, que eram os dois cursos mais concorridos (de cinco a seis candidatos por vaga no ano de 2005), o envolvimento com o esporte, sem dúvida, pendeu na balança.

Em 2005 ela é aprovada em primeiro lugar para o Curso de Educação Física. Entusiasmada por estar no Ensino Superior, a menina estudiosa do Ensino fundamental e Médio tem suas primeiras decepções: não passou a conviver com pessoas que

estudavam por que queriam. A maioria dos colegas e das colegas escolheram o curso por falta de opção e, na primeira oportunidade, dedicaram-se a outras carreiras.

Mas, ilustra que o Ensino Superior trouxe, através da convivência com outras professoras, o tripé que sustenta a Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Dentre as diversas possibilidades que foram apresentadas ao longo do curso, ela, sonhadora em ser professora, direcionou a atenção para as disciplinas pedagógicas, “pois só via uma possibilidade de atuação: a Educação Física Escolar”.

O investimento no curso de Educação Física a fez também desinvestir no esporte, a partir do momento que começou a “problematizar as questões da espetacularização do esporte, o esporte de alto rendimento e as questões de gênero nas aulas de Educação Física”. Ela colocou em cheque a vivência como “atleta” no voleibol, e focou no pedagógico.

Em 2012 inicia o curso de Pedagogia, “seria o “passo atrás” que todas as pessoas do meu convívio denunciavam”. A família indagava o porquê de mais uma graduação e não um mestrado. “Mas, a Pedagogia representava para mim uma nova chance de entender e viver a universidade. Era também a oportunidade para aprender sobre os métodos de alfabetização e, quem sabe, sobre a alfabetização de crianças com necessidades educacionais especiais. Era isso o que eu precisava e queria”.

A realidade das alunas no Curso de Pedagogia não fora diferente do de Educação Física. Havia um alto índice de reprovação, aliado a colegas que não liam os textos, tinham dificuldades de leitura e escrita, além de não estudarem. Daí nasceu a ideia do Trabalho Final de Curso (TCC), sobre as histórias de leitura de alunas de pedagogia: “foi minha primeira aproximação com as histórias de vida, não como metodologia de pesquisa, mas como consequência da opção pela entrevista como instrumento de coleta de dados”. E ela indaga: “como professores que não leem (muito pouco por tarefa, menos ainda por gosto) irão formar alunos leitores?”.

Findo o curso de Pedagogia, coloca-se em questão a ida ou não para a escola fundamental para trabalhar. Josso (2004) nos alerta que a perspectiva dos formandos, graduados, são diferentes entre si. Mas, conforme Bolívar, nosso desenvolvimento profissional é indissociável da nossa trajetória biográfica (BOLÍVAR, 2002). Não caberia a Vaz (2016), certamente, fazer uma terceira graduação. “Queria mesmo era passar num concurso público federal! Ou, talvez, estadual... Ou, quem sabe, até municipal... Muitas tentativas, muitas frustrações”. Sua opção foi a seleção pelo Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão.

Vivências consideradas formadoras

Soares afirma que “[...] o *memorial* só é possível a quem tem um passado acadêmico para contar [...]” (SOARES, 1991, p. 25, grifos da autora). Ao comentar

sobre seu *Currículo Lattes*, Vaz (2016) faz um balanço de sua trajetória formativa, apontando uma diversidade de eventos que participou, poucas produções e, em áreas muito diferentes, experiências profissionais diversificadas: “não verticalizei meus estudos e por um tempo considerei isto um erro. Neste momento compreendo que foram as circunstâncias, já que todo problema real que me inquietava se tornou objeto de estudo sistemático”.

Ainda, segundo Soares: “[...] a história de uma vida acadêmica e das ideologias que a foram informando se faz pela história do que se leu, ao lado da história do que se escreveu e da história do que se ensinou”. (SOARES, 1991, p. 70). A autora está se referindo à produção do memorial. Mas, isso é indicativo para pensarmos nas histórias de vida de sujeitos da educação, tais como professores, alunos ou técnicos administrativos. Ou seja, o que os alunos leram, escreverem, trabalhos escolares e acadêmicos que realizaram, experiências de pesquisa e extensão universitárias foram/são formadoras do alunado. Passeggi (2016, p. 77) afirma que toda aprendizagem é autobiográfica e “o conhecimento é autoconhecimento ou não é conhecimento do qual podemos dispor”. Ele desloca o sujeito de si mesmo e o faz indagar: como cheguei a ser quem eu sou? Como diria Josso (2004, p. 205): “este *eu* aparentemente permanente muda de identidade e nele habitam vários ao mesmo tempo”.

Com uma dose de ironia, Vaz (2016) pergunta: “Onde era para eu chegar mesmo? Ah, é! Ainda estou no caminho”.

A relação com a família

Neste modelo de produção acadêmica, a família é conteúdo recorrente nas histórias de vida. Chega-se a escrever, conforme o faz Vaz (2016), que “desde que eu estava na barriga da minha mãe eu ouvia histórias. Disso eu não me lembro. Segundo ela, contava e lia histórias daquela coleção incrível de capa dura vermelha com os melhores contos dos Irmãos Grimm, Andersen e Perrault”. A mãe não é realçada apenas como quem cuidou, mas quem contava “histórias, misturava os personagens, inventava uns finais engraçados”.

Nas lembranças de família aparecem também tias, primas, brinquedos preferidos, tais como livros, revistas, gibis, papel, canetas, canetinhas, lápis de cor, quadro de giz, bonecas. No seio familiar de Vaz (2016) tinha também “o “Bai-xinho”, meu amigo imaginário, que depois também se tornou amigo dos meus irmãos mais novos”. Todos, inclusive os irmãos mais novos, eram personagens de suas salas de aula imaginárias, para quem podia dar aula, quando brincava de “escolinha”, sonhando em ser professora.

Aparece também a influência da avó, que dizia que ela tinha que ser “moça prendada”, para poder casar um dia.

O primeiro livro que eu li (disso eu nunca me esqueço) foi “O Pequeno Príncipe” de Saint-Exupéry. Uma edição de 1975, presente da minha madrinha, que às vezes carrego na bolsa, leio e releio suas páginas desbotadas, rabiscadas, desfolhando. Parece meu primeiro caderno do “prézinho”, mas este fica mais bem guardado, vejo só de vez em quando.

Acompanhar a irmã mais nova à escola, com 15 anos de idade, a oportunizou também ser ajudante de sala: “às vezes até substituía na turminha do pré, era pura diversão!”.

Para Vaz (2016) o território familiar foi lugar de vivências sociais, onde se deu o início às primeiras letras, bem como lugar de ouvir que o saber “é a riqueza que nenhum ladrão pode roubar”.

Modos de construção identitária

Conforme Moita (2007, p. 116), “só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos”. A cada experiência contada, escrita, relatada, vamos dando um contorno à nossa identidade, à nossa subjetividade (JOSSO, 2010). Percebe-se com isso que mais do que falar sobre identidade, ao escrever seu memorial o sujeito está a falar em processo identitário, pois a identidade é um lugar de lutas e conflitos (NÓVOA, 1992).

No terceiro ano do Ensino Médio, Vaz (2016) teve sua primeira experiência de trabalho em uma “escola particular”.

Funcionava em uma casa onde duas professoras faziam atendimento individualizado: aulas particulares ou de reforço. Tinham as carteiras de braço, cadeiras e mesas, quadros brancos nas paredes e muitos livros. Eu atendia o telefone e cuidava da agenda. Também era de minha responsabilidade a limpeza do local. Nem me lembro quanto era o salário, era um contrato informal, somente um acordo. Por isso passei a estudar no período noturno. Aí não tinha mais Educação Física, nem Inglês com música, nem Literatura, nem nada...

Iniciou-se ali uma intensificação, assim o podemos dizer, da ideia de se tornar professora, uma identidade perseguida desde a infância. Estudar e trabalhar passa a ser comum tanto na vida da aluna, como da de outros colegas, da mesma idade e que cursavam o Ensino Médio.

Fazer duas graduações e em seguida entrar para o mestrado pode ser considerado também um modo de construção identitária de Vaz (2016). Isso pode ser percebido ao narrar-se leitora:

Ler livro, revista, ler filme legendado, ler letra de música, ler imagens, ler sinais, ler nas entrelinhas... ler para estudar, ler para esperar, ler para saber, ler para aprender, ler para esquecer, ler para lembrar, ler para viajar, ler para descansar, ler para aproveitar, ler... Esta sou eu: leitora.

Mas, ela também experimentou ser professora, antes do mestrado. Professora de Educação Física, cujas experiências foram “traumatizantes”, conforme ela mesma, em escolas particulares, turmas de segunda fase do ensino fundamental e ensino médio. Mas, as experiências com Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental foram de outro sabor.

Ela atuou também como Professora Apoio, acompanhando três crianças com necessidades especiais em uma turma de alfabetização. “Em seguida, por seis meses ou menos tempo, atuei como professora de apoio de um aluno do sexto ano do Ensino Fundamental”. Enfrentou, com isso, hostilidades com os colegas, os quais consideravam insano trabalhar com inclusão no início da carreira. A função de Professor Apoio em muitas escolas estava ocupada por professores em final de carreira, aguardando a aposentadoria. Têm-se aí mais uma decepção com a carreira. Mas, não é suficiente para desistir da mesma.

A experiência de um contrato de prestação de serviços para a Prefeitura Municipal de Catalão, onde assumiu a regência de uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental, aliada às outras experiências docentes, ela diz ter tido a certeza de que precisava fazer algo que a assegurasse na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, “já que não consegui consolidar o meu perfil de atuação na Educação Física, especialmente na segunda fase do Ensino Fundamental e nem no Ensino Médio, além das decepções com a Educação Especial”. Isso foi motivo para se inscrever no Edital para Preenchimento de Vagas como Portadora de Diploma para o Curso de Pedagogia.

A construção da identidade envolve a relação que o sujeito estabelece com outros sujeitos, com instituições. Dubar nos diz que

A identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e definições.

A identidade é produto das sucessivas socializações [...] Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o **emprego** condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a **formação** intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar. (DUBAR, 2005, s/p, grifos do autor).

Não existia, certamente, a identidade de professora em Vaz (2016), quando, ainda criança, projetou ser professora. Isso foi um processo, inclusive matizado por descrença, decepções, pessimismo.

Considerações finais

o memorial de formação não pode ser lido semelhantemente ao que temos hoje, na academia, que é o *Currículo Lattes*. No memorial ocorre a “ressignificação dos saberes conceituais, práticos e identitários”. (PASSEGGI, 2000, p. 14). O autor inscreve ali sua própria história. Ele também se descobre como um eu-narrador que coincide com a autoconsciência das transformações de suas práticas. Outro elemento é a conclusão do memorial que coincide com a apropriação de uma nova identidade. Por fim, encontram-se os ideais humanísticos e éticos, revelando um ser humano satisfeito consigo (Idem).

Mas, o que não está registrado também diz algo a respeito da pessoa que escreve o memorial. Assim o afirma Lopes (1991, p. 13) na introdução da obra “Metamemória – memórias” de Magda Soares: “[...] as biografias valem tanto pelo que contam quanto pelos seus silêncios e lacunas”.

Optamos, nesta pesquisa, em analisar o que está registrado, fazendo quatro recortes: percursos de escolarização, vivências consideradas formadoras, a relação com a família, modos de construção identitária. Verificamos que a formação é um processo permanente na vida do estudante e depende de um contínuo investimento do mesmo. Vaz (2016) nos diz que

Mais que um exercício de escrita, um grande esforço de pensamento e sentimento. Montar um quebra-cabeça de cinco mil peças, pode ser uma atividade árdua, temos vontade de desistir às vezes; ao persistirmos podemos enfrentar momentos de tédio e estresse e outros momentos de divertimento e bem-estar; ao final, sem mais surpresas, estará completada a imagem que buscávamos ao juntar aquelas peças. Mas, nossa história de vida nunca será esse quebra-cabeça. Nossas lembranças não são peças

que se encaixam perfeitamente e ao reuni-las não teremos um quadro completo e previsível de nós mesmos!

Talvez tenhamos mais interrogações do que respostas. Porém, “o trabalho biográfico é, sem dúvida, um dos meios à nossa disposição para nos manter em contato com a nossa totalidade [...]” (JOSSO, 2004, p. 136).

A escola e a família preenchem boa parte da vida de uma pessoa. São instituições que demandam memórias formativas. Quando entrecruzadas, nos mostram a fertilidade e a complexidade das narrativas autobiográficas. É o mundo visto pelo sujeito, em permanente construção, ou reconstruções.

Referências

- BOLÍVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola.** Bauru, SP: EDUSC, 2002, 236p. (Coleção Educar).
- DUBAR, C. **A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. (orgs.). **O Método (Auto) biográfico e a Formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010; pp. 31-57.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003. p. 222.
- JOSSO, M. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Prefácio. In: SOUZA, E.C. & ABRAHÃO, M.H.M.B. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre; Salvador: EDIPUCRS/ UNEB, 2006.
- MACHADO, C.; HONÓRIO FILHO, W. Memorial e formação de professores: histórias da região sudeste do Estado de Goiás. In: **Anais do VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica: Narrativas (auto)biográficas: conhecimentos, experiências e sentidos.** Cuiabá: CRV, 2016. v. 1. p. 1-14.
- MOITA, M. da C. **Percursos de Formação e de Transformação (Orgs.) Vidas de Professores,** Porto: Porto Ed., 2007.

NÓVOA, A. (Org.). **A formação de professores e a profissão docente: Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, M. da C. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. In: **CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL**, 3. 2000. Anais. Campinas, Disponível em: < <http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1970.doc> >. Acesso em: 28 jun. 2015.

_____. Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. In: **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, jan./abr. 2016, p. 67-86

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

SOARES, M. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991. 124p. (Educação contemporânea. Memória da educação)

TANURI, L. M. História da Formação de Professores. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, Mai/Jun/Jul/Ago, 2000. p. 61-193

Fonte documental

VAZ, R. C. S. **Memorial de formação: “Espelho, espelho meu...” quem sou EU?**. Trabalho final da disciplina “Cultura e memória de processos formativos”, oferecida no primeiro semestre de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFG-Catalão. 2016.

